



## DIOCESE DE CAMETÁ

### O JUBILEU

Entre os antigos Hebreus, o Jubileu (chamado de ano do yōbēl, "da cabra", porque a festa foi anunciada pelo som de um corno de cabra) foi um ano declarado santo. Neste período, a lei de Moisés prescrevia que a terra, da qual Deus era o único dono, regressasse ao antigo proprietário e os escravos readquirissem a liberdade. Geralmente ocorria a cada 50 anos.

Na era cristã, após o primeiro Jubileu em 1300, o intervalo de tempo para a recorrência da celebração do Jubileu foi estabelecido por Bonifácio VIII para cada 100 anos. Após uma petição dos romanos feita ao Papa Clemente VI (1342), o período foi reduzido para 50 anos.

Em 1389, em memória do número de anos de vida de Cristo, Urbano VI quis estabelecer o ciclo jubileu para cada 33 anos e induziu um Jubileu para 1390 que, no entanto, foi celebrado, após sua morte, por Bonifácio IX.

No entanto, em 1400, no final dos cinquenta anos anteriormente fixados, Bonifácio IX confirmou o perdão aos peregrinos que tinham peregrinado até Roma.

Martino V celebrou em 1425 um novo Giubileo, abrindo, pela primeira vez, a Porta Santa em São João de Latrão.

O último a celebrar um Jubileu de cinquenta anos foi o Papa Nicolau V em 1450. De facto, Paulo II determinou período interjubilaro para 25 anos e em 1475 um novo Ano Santo foi celebrado por Sisto IV. Desde então, os Jubileus ordinários celebraram-se com periodicidade constante. Infelizmente, as Guerras Napoleónicas impediram as celebrações dos Jubileus de 1800 e de 1850.

Retomaram com o Jubileu de 1875, após a anexação de Roma ao Reino da Itália, que foi celebrada sem a solenidade tradicional.

O Jubileu é um evento de grande relevância espiritual, eclesial e social, que marca um período de perdão, liberdade e renovação. A celebração do Jubileu tem raízes na tradição bíblica, que se refere a um tempo de descanso e conversão, em que se entra numa relação mais íntima com Deus, consigo mesmo e com a criação.

O livro de Ezequiel (46, 17) fala do jubileu como o ano da libertação, da redenção, o ano em que aqueles que tinham ido ao serviço para sobreviver à pobreza regressaram às suas casas, com as dívidas perdoadas e com a reapropriação das suas terras e sua liberdade. Era uma ocasião para restabelecer uma correta relação com Deus.

O Jubileu é repleto de sinais e rituais significativos que oferecem aos fiéis um caminho de reflexão e renovação espiritual:

- **Peregrinação:** No coração do Jubileu, a peregrinação é um percurso físico e espiritual. Inspirada em figuras bíblicas como Abraão e Jesus, ela representa a disposição dos fiéis em deixar suas zonas de conforto em busca de um encontro mais profundo com Deus, superando desafios e renovando a fé.

- **Porta Santa:** Passar pela Porta Santa é um ato simbólico que representa a entrada em uma nova vida em comunhão com Cristo. Este é um dos momentos mais emblemáticos do Jubileu, marcando a passagem para uma existência mais alinhada com a fé e com a comunidade. No Ano Santo de 2025, apenas em Roma haverá Porta Santa.
- **Reconciliação:** O Jubileu é também um momento de reconciliação com Deus, sendo encorajado o sacramento da confissão, que permite aos fiéis experimentarem a misericórdia divina. O perdão é central para a experiência jubilar, oferecendo a chance de restauração espiritual.
- **Oração:** Durante o Jubileu, a oração se intensifica, simbolizando o desejo profundo de se unir mais intensamente a Deus. Os fiéis são incentivados a buscar descanso e renovação espiritual em momentos de oração, especialmente nos lugares sagrados que visitam.
- **Liturgia:** A celebração da liturgia e, em especial, da Eucaristia, é um pilar central do Jubileu, unindo os cristãos em adoração e fortalecendo o sentimento de pertença ao Corpo de Cristo. Este é um tempo de reunião e celebração da fé.
- **Profissão de Fé:** O Jubileu também oferece uma oportunidade para que os fiéis reafirmem publicamente sua fé em Cristo e nos ensinamentos da Igreja. Essa profissão de fé é um convite à conversão e ao compromisso renovado com a vida cristã.
- **Indulgência:** A Indulgência Plenária é um aspecto tradicional do Jubileu, que simboliza a misericórdia divina, permitindo que os fiéis avancem em seu caminho de santidade. Ela é um convite para uma renovação profunda, sendo concedida aos que participam dos ritos jubilares e se reconciliam por meio da confissão.

## O Jubileu de Jesus

No início da sua pregação pública, segundo o Evangelho de Lucas, Cristo entrou na modesta sinagoga da sua aldeia, Nazaré. Naquele sábado foi lido um texto de Isaías (c. 61) e foi sua vez de proclamá-lo e comentá-lo. Através destas palavras ele se apresentou como enviado do Pai para inaugurar um jubileu perfeito que se estenderia pelos séculos seguintes e que os cristãos deveriam celebrar em espírito e verdade: «O Espírito do Senhor está sobre mim; por isso ele me ungiu e me enviou para proclamar a boa nova aos pobres, para proclamar a libertação aos presos e a visão aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e para pregar um ano da graça do Senhor" (Lucas, 4, 18-19).

Esta é a outra raiz – além da do Antigo Testamento – do jubileu cristão. Nas palavras de Jesus, o horizonte do Ano Santo torna-se o paradigma da vida do cristão que amplia e abrange todos aqueles sofrimentos que são o programa da missão de Cristo e da Igreja. O «ano da graça do Senhor», isto é, da sua salvação, inclui quatro gestos fundamentais. O primeiro é "evangelizar os pobres": o verbo grego é precisamente aquele que tem na sua base a palavra evangelho, a "boa nova", o "anúncio feliz" do Reino de Deus.

Os destinatários são os "pobres", isto é, os últimos da terra, aqueles que não têm em si a força do poder político e econômico, mas têm o coração aberto à adesão à fé. O jubileu está destinado a trazer de volta ao centro da Igreja os humildes, os pobres, os miseráveis, aqueles que dependem externa e internamente das mãos de Deus e dos irmãos.

A liberdade é o segundo ato do jubileu, um ato que – como vimos – já estava no jubileu de Israel. Jesus, porém, também se refere aos presos em sentido estrito e metafórico e aqui antecipamos

aquelas palavras que ele repetirá na cena do julgamento no final da história: “Eu estava na prisão e vocês vieram me visitar” (Mateus, 25, 36).

O terceiro compromisso é devolver a “visão aos cegos”, gesto que Jesus realizou muitas vezes durante a sua existência terrena: basta pensar no famoso episódio do cego de nascença (João, 9). Este foi, segundo o Antigo Testamento e a tradição judaica, o sinal da vinda do Messias.

De fato, na escuridão em que o cego está envolto não existe apenas a expressão de um grande sofrimento, mas também um símbolo. Existe, de fato, uma cegueira interna que não coincide com a física e é a incapacidade de ver profundamente, com os olhos do coração e da alma.

Uma cegueira difícil de erradicar, talvez mais que a física, que acomete muitas pessoas em cujas almas é necessário inserir um raio de luz. Por fim, como quarto e último compromisso, propõe-se a libertação da opressão que não é apenas a escravidão mencionada acima em relação ao Jubileu judaico, mas inclui todos os sofrimentos e males que oprimem o corpo e o espírito. É o que todo o ministério público de Cristo atestará. A meta ideal do autêntico jubileu cristão é, portanto, esta tetralogia espiritual, moral e existencial.

## **Referências**

<https://www.iubilaeum2025.va/pt/giubileo-2025/segni-del-giubileo/porta-santa.html>

<https://dcl.org.br/noticias/diocese/o-jubileu-2025-peregrinos-de-esperanca>

<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2024-04/cardeal-ravasi-raizes-jubileu-origens-osservatore-romano.html>

<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2024-12/abertura-da-porta-do-ano-da-esperanca.html>